

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal* Class.: *89*

Data: *20 de fevereiro de 1989* Pg.: _____

PF garante a calma no Xingu

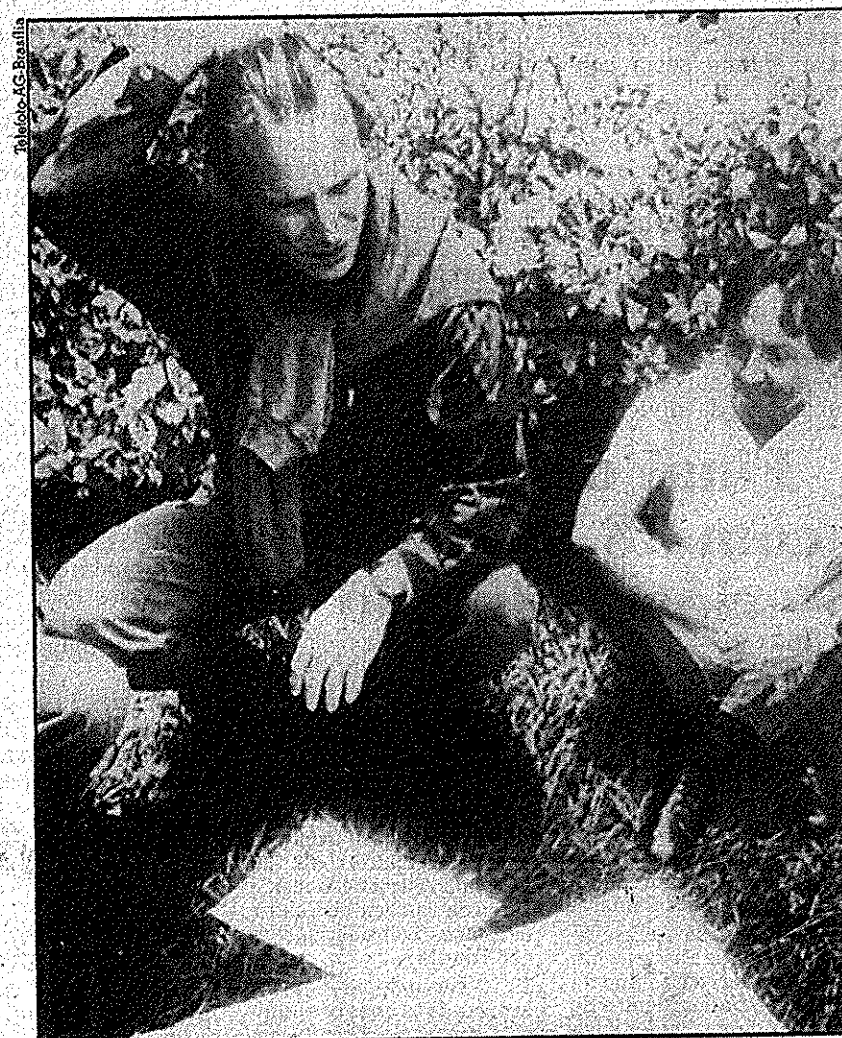


O cacique Paikan chora ao receber as boas-vindas de outro guerreiro Kayapó, em Altamira.

Com a celebração do "Memyrykaty" será às 8 horas da manhã de hoje, em Altamira, o I Encontro de Povos Indígenas do Xingu, que vai debater, entre outros assuntos ligados à ecologia, a construção das hidrelétricas de Kararaô e Babaquara.

Ontem o ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa determinou à Polícia Federal um reforço da segurança na área para evitar confrontos entre os que são contra e os que defendem a construção das hidrelétricas. Também o presidente da Funai, Iris Pedro de Oliveira, pediu ao governo do Pará e ao Departamento de Polícia Federal que apure a procedência dos tiros disparados contra o Sírío Bethânia, onde estão acampados os índios que participarão do encontro. Em Brasília o cantor Sting, que chega hoje a Altamira, sugeriu ontem a criação de uma reserva ecológica abrangendo o Parque do Xingu e disse que vai iniciar a campanha para arrecadar fundos para isso.

(Páginas 8 e 9)



O cantor Sting com César Mesquita deram entrevista em Brasília.

4468

JORNAL RECORDS LTDA

EALR0089

O LIBERAL

Belém, segunda-feira, 20 de fevereiro de 1989

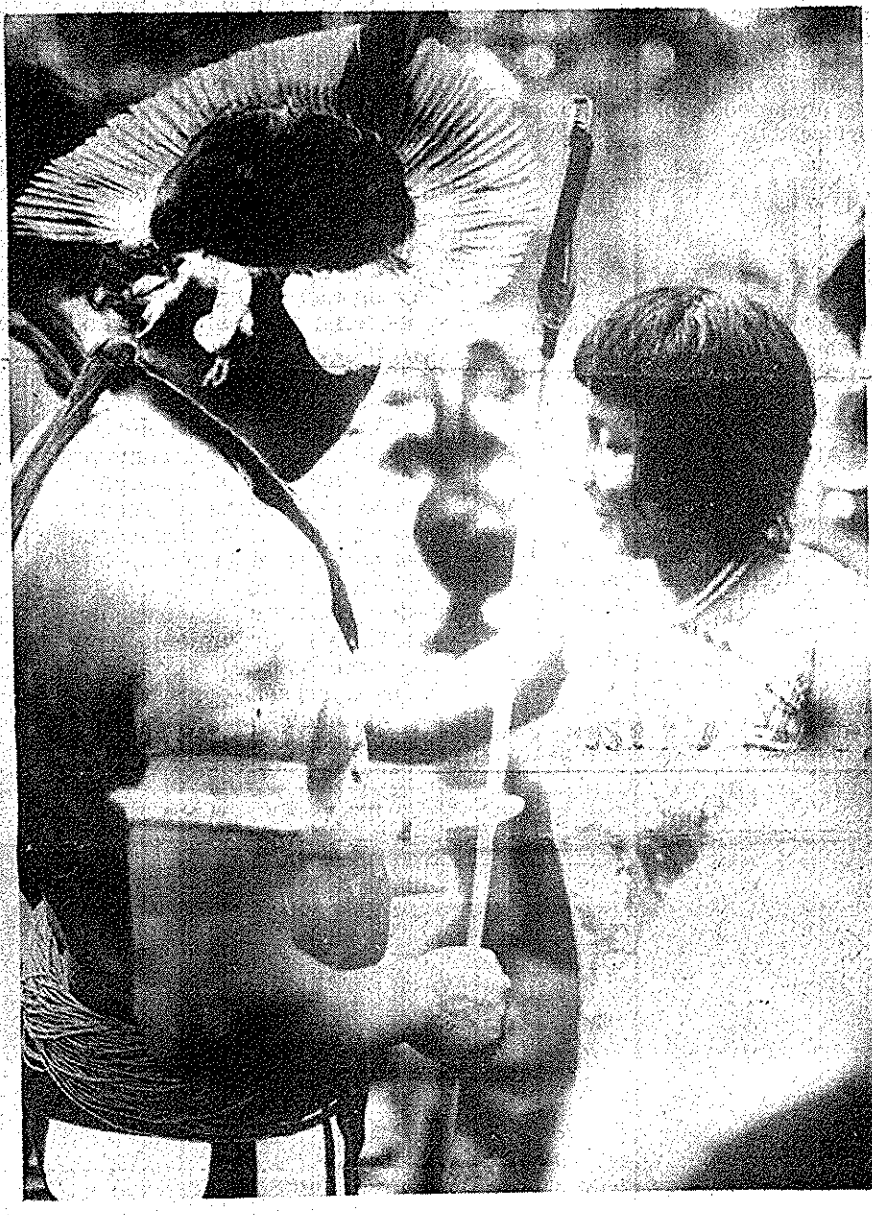
8 CIDADES

Encontro de Altamira começa sob tensão

Do enviado especial Manuel Dutra



Um índio Kayapó em frente ao grande cartaz anuncia o Encontro de Povos Indígenas do Xingu que reúne, entre outros o escritor Fernando Gabeira e enfrenta a oposição do Movimento Pro-Karará.



Saudação aos povos do Xingu na Língua Geral Amazônica (Nheengatú), língua que até o século XVIII era a língua dominante da Amazônia e língua materna de nossos caboclos. Modernamente esta língua ainda é bastante falada e difundida na região do alto rio Negro, no Amazonas

Iané koema seanamaitá. Maieta pesasaua? Ixe aikú iké aruri arama penharama semütá Museu Goeldi sui nheenga. Iandé, Museu Goeldi sui, sasiara retana uakontesé uaa uikú iané mütá irumu umorái uaa paraná Xingú upé. Ambéi putá penharama iané piá iané akanaga aenta uikú miraitá irumu Xingú sui uara. Iané manduaisaua uaa iané anamaitá Xingú sui pepitá peretama irumu; kariuaitá ti aentá umbá kaá irumu. Kuire, semütá, ixé asú aléi tepé patera iandé, Museu Goeldi sui, iapinima penharama. Kuekatureté!

* Bom dia meus parentes. Como estão? Estou aqui trazer para vocês a palavra de meus irmãos do Museu Goeldi. Nós, do Museu Goeldi, estamos muito tristes com o que está acontecendo aos nossos irmãos que moram no rio Xingu. Quero dizer para vocês que o nosso coração e a nossa cabeça estão com as pessoas do Xingu. Nosso pensamento é que nossos parentes do Xingu fiquem com suas terras, e que os brancos não acabem com a mata. Agora, meus irmãos, vou ler um papel que nós, do Museu Goeldi, escrevemos para vocês. Muito obrigado!

Um grupo de 30 pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi preparou uma saudação ao I Encontro de Povos Indígenas do Xingu que hoje começa em Altamira. Eis o texto:

Canto para o encontro em Altamira

Vivo e extenso labirinto de verdes águas. De águas e verdes. Polícoria de rios. Floresta fechada de verdes e sombras. Mundo dominado pelas vozes dos rios. Mundo marchetado de sombras, de verdes de mil matizes. Gigantescas cobras rebrilhando ao sol equatorial. Cobras negras, brancas, verdes. Cobras líquidas serpenteando verdejantes lonjuras. Caminhos de água: igarapés. Vida verde, vida líquida. Braços mornos de rios para o abraço entre água e mata. O líquido e o verde. Miríades de verdes. Sombras verdes, úmidas. Mundo das águas e das matas: mundo num parir-sem-fim de vidas. Água-vida. Mata-vida. Verde-vida.

O rio aprisionado não mais corre nem engravida a mata. O rio acorrentado não procria a vida. Alarga-se, debate-se violento contra o concreto que o barra. O rio-barra se inunda. Abate-se sobre a mata, enlameado, e deixa apenas cadáveres. Onde antes havia verde vida, ficam apenas esqueletos retorcidos, fincados, qual bandeiras esfarrapadas e ressecadas pelo sol, no corpo avolumado do rio. De pé, as árvores secam. De pé, como testemunhas tragicamente caladas de um massacre. O rio cativo enlameado, a mata se despovoa. A roda da vida estaciona no tempo de sombra e silêncio.

O homem das matas também é o homem das águas. Das matas prenhes de som, verde e vida. Das águas em liberdade e vida. O homem livre. Mas se o rio é aprisionado. Se a mata emudece, de pé. Então o homem aí tampouco sobrevive. O homem também fica represado. O homem silêncio. Silêncio fechado dessa morte planejada. O homem vira um longo silêncio de sombra.

Por isso estamos todos aqui. Para unir cada voz isolada numa corrente mais resistente que o silêncio. Para dizer NÃO a esse futuro de cadáveres fincados no corpo aprisionado do rio. Para dizer NÃO ao despoamento das matas. Para dizer NÃO ao represamento do rio. Para dizer NÃO ao exodo do homem. Para dizer NÃO à morte decretada de todos os verdes e de todas as vidas. Para dizer NÃO aos que violentam a intimidade fértil da terra. Aos que querem escravizar a força do rio. Aos que desejam ceifar as árvores. Aos que planejam deserdar o homem de seu legado natural.

Só a voz do homem pode sustar o avanço feroz deste NADA que ameaça tragar a voz do rio e da mata. Só a força do homem pode parar a força das máquinas. Só a vontade do homem pode impedir que a vontade inumana do lucro escravize a existência.

Sempre é tempo de preservar a vida. Ainda é, pois, tempo de evitar que a violência que se avizinha se assenhere do rio e da mata. Tempo de extinguir a fome voraz das queimadas. Tempo de calar o riso-vitupério das máquinas e das moto-serras. Tempo de evitar o estupro da terra. E deixar que o rio flua na liberdade de seu próprio movimento, que a mata viva seus verdes e suas sombras, que o homem seja o caminhante e o domador desse labirinto de verdes e líquidos e sombras e sons. E deixar que a vida — todas as formas de vida — se preserve e se reproduza, porque é do DIREITO À VIDA, de todas as vidas, que comungam todos aqueles que, acima das diferenças de credos, origens, cores e línguas e modos de viver, de boa-vontade, agora, constroem aqui uma comunidade supra-nacional para defender a AMAZÔNIA. Assim o seja. Belém — fevereiro de 1989

— Algumas das assinaturas: Luiz Carlos Borges, que representará o DCH para observar e documentar os dois encontros, Roberto Cortez, Daniel Lopes, Denny Moore, Lourdes Furtado, Adélia Oliveira, Stephen Baines, Antônio Maria Santos, Dirce Kern, Expedito Arnaud, Marcelo Gatti, Ana Kalkmann, Cristina Senna, Philippe Lená, Fernanda Araújo, Klaus Hilbert, Ivete Nascimento, Vera Guapindaia.

Ninguém trabalha nesta segunda-feira em Altamira, dia em que começa o Encontro das Nações Indígenas e quando a cidade também será palco da manifestação das entidades favoráveis à barragem de Karará, no rio Xingu, à qual os índios e os ecologistas se opõem. Os comerciantes decidiram não abrir as portas, o prefeito Armino Dociteu Denardini decretou ponto facultativo e talvez só os bancos funcionem.

No centro comunitário, da Prefeitura, o Encontro começa às 8 horas com uma grande cerimônia envolvendo centenas de Kaiapós e representantes de 10 outras tribos que mandaram representantes a Altamira. O prefeito disse a O LIBERAL que não vai expressar publicamente seu ponto de vista pessoal e que pretende fazer todo o esforço possível para que as coisas transcorram em paz "como é pacífico o povo de Altamira". O prefeito informou também que pretende tomar parte nas reuniões dos indígenas e ecologistas, para a qual cedeu o centro comunitário municipal. Mas ele é da opinião que tudo deve ser plenamente esclarecido. Por exemplo, frisa, "a área a ser alagada pela barragem de Karará não vai ultrapassar o dobro do que o Xingu enche normalmente". Conforme diz o jornal "Gazeta do Xingu", citado por Denardini, somente uma população de 334 índios será afetada diretamente pela alagação das terras à margem do rio. "Essa barragem será uma das menores alagações já feitas no Brasil", é o que pensa o prefeito altamirense, fazendo questão de enfatizar que é totalmente contrário à

devastação das florestas, sobretudo para a retirada da madeira para exportação a preço subsidiado.

Índios confinados

Durante todo o dia de ontem nenhum jornalista recebeu permissão para entrar no sítio "Betânia", a 8 quilômetros da cidade. Não houve maiores explicações para o virtual confinamento dos indígenas e de representantes de outras tribos presentes. Logo cedo houve uma informação não oficial de que o fechamento do portão de "Betânia" tinha sido ordem do padre Angelo Pansa, missionário indigenista da prelazia local. Mais tarde, porém, um membro do grupo de apoio ao Encontro disse que a proibição tinha sido feita a pedido dos próprios índios que queriam, passar o dia sem ser incomodados, depois de um sábado de muitas entrevistas.

O Encontro das Nações Indígenas é assunto que domina todas as rodas de conversa e Altamira. No sábado à tarde e na manhã de ontem onde quer que houvesse uma rodada de conversa, raramente o assunto era outro. Muitas opiniões contrárias da parte da população local, muitas críticas e também muita desinformação sobre o que realmente significa o projeto que o governo tem de barrar o rio Xingu. Algumas pessoas, ao verem qualquer cara diferente pelas ruas, logo imaginam, outros gritam, dizendo ser este ou aquele "inimigo da barragem". Há também os que gritam para jornalistas, vários deles também sem muita informação sobre o que vieram fazer aqui, ou para meros observadores: "Queremos a barragem".

Condenados os radicalismos

Um primeiro diálogo entre os integrantes do Movimento Pró-Karará e o grupo de apoio ao Primeiro Encontro das Nações Indígenas do Xingu, composto de antropólogos e indigenistas voluntários, foi travado ainda no final da tarde de sábado no hotel Alta Palace, um dos mais chiques da cidade. As duas partes saíram da reunião demonstrando satisfação e otimismo, e dizendo-se de espírito desarmado. Pelo Movimento Pró-Karará (Moprok), falou a O LIBERAL o presidente da Associação Comercial e vereador Luis Bussato.

Ele disse que a comissão do movimento favorável à barragem ficou "bem impressionada e saímos de lá certos de que, da parte dos organizadores da reunião dos índios tudo correrá bem". Igualmente falou José Carlos, pelos integrantes do grupo de apoio ao encontro. Segundo ele, cada uma das partes comprometeu-se a "segurar seus radicais" para evitar um confronto violento por ocasião das duas passeatas programadas para esta segunda-feira.

Ficou ainda acertada a realização de uma entrevista coletiva à imprensa da qual tomarão parte as lideranças dos Kaiapós e a comissão do Moprok para, ao mesmo tempo, explicarem ao mundo seus pontos de vista e reiterarem publicamente que pretendem manifestar-se pacificamente. Hoje, uma nova reunião poderá acontecer antes das manifestações preparadas pelo Moprok e pelos índios e ecologistas.

do pedido expresso e pessoal feito ao prefeito Armino Dociteu Denardini pelo cacique Bep-Kororoti (Paulinho Paiakan). A publicidade foi colocada pelo Moprok, pela UDR e várias firmas e entidades de classe. O prefeito, um gaúcho que há 13 anos chegou a Altamira, explicou a O LIBERAL que não pode atender ao pedido de Paiakan "porque vivemos numa democracia".

Além disso, frisou Denardini que "eles também deveriam apagar as pichações que espalharam pelos muros". Quanto ao pedido dos índios para que a palavra "Karará" seja evitada durante a manifestação do Moprok, não houve resposta. Os caciques explicaram que essa palavra, na língua e na cultura deles, tem um sentido de um grito de guerra para os Kaiapós e por isso temem que os índios se sintam provocados, sobretudo se os manifestantes do Moprok saírem às ruas gritando "Karará". Já para os brancos, a palavra significa apenas a denominação geográfica do local onde a Eletronorte quer fazer a primeira das barragens do complexo hidrelétrico do Xingu.

O ambiente ontem em Altamira foi de bastante calma, depois de um sábado agitado pelos 5 tiros que foram dados na madrugada de sábado na frente do sítio "Betânia", onde os indígenas estão concentrados. A entrevista coletiva dada por 11 caciques ladeados por 7 guerreiros na churrascaria "Casa Grande", no sábado ao meio-dia e a reunião do Moprok com a comissão de apoio ao encontro ecologista, além do policiamento reforçado e ostensivo da Polícia Militar, que recebeu reforço de 60 homens de Santarém, tudo ajudou a desanuviar o ambiente tenso de sábado.

Faixas ficam

As faixas e out-doors em defesa da barragem de Karará não serão retiradas das ruas de Altamira, mesmo depois

Paiakan recebido com festas

Recepção digna de um grande chefe teve o cacique Bep-Kororoti, mais conhecido como Paiakan. Ele desembarcou ao meio-dia, procedente de Belém num voo extra da TABA, dos quatro realizados ontem. Foi o maior alvoroço entre índios e jornalistas já presenciado na cidade até agora. Cerca de 150 fotógrafos, cinegrafistas e repórteres disputavam como podiam alguns centímetros para documentar o desembarque do líder Kaiapó. A saída do avião demorou, entre outras razões, por causa do estado de saúde de Paiakan, há pouco operado de apendicite.

Com o corte da cirurgia recoberto por um esparadrapo colocado entre as linhas da pintura de urucum, como enfeitam todo o corpo, ele desceu amparado pelo cacique "Coronel" Tuto Pombo. Uma longa fila dupla de guerreiros da Tribo Kaiapó, anfitriã do encontro, serviu para proteger o chefe en-

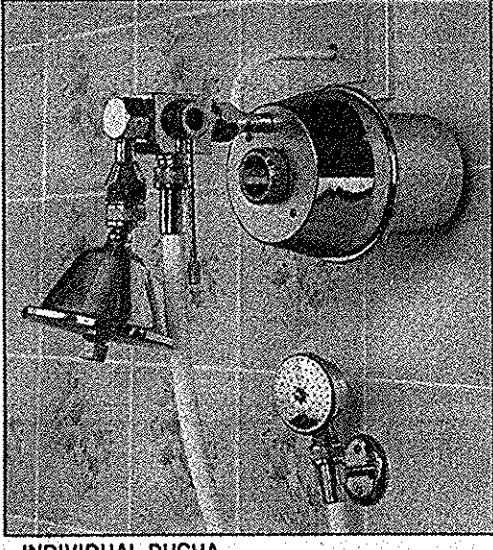
tre a pista e a apertada estação de passageiros do aeroporto de Altamira. O que mais chamou a atenção foi a maneira como foi recebido por sua gente o ilustre personagem.

Um a um, centenas de índios iam abraçando Paiakan, saltando ao mesmo tempo um grito lancinante seguido de choro com lágrimas copiosas. Para os brancos, receber um ente querido que retorna é motivo de alegria e festas. Para os Kaiapós, é ocasião de tristeza e muito choro, como que a relembrar a tristeza da prolongada ausência, como explicou um antropólogo canadense. Entre outras responsabilidades Paiakan prometeu ajudar a sua gente a superar o medo provocado pelos tiros de sábado de madrugada e fazer o possível para evitar incidentes com as manifestações dos brancos de Altamira que são ardorosos defensores da construção da barragem do rio Xingu.

ÁGUA NO PONTO COM AQUECEDORES CARDAL

O aquecedor central Cardal garante água quente para o chuveiro, lavatório, bidê e até banheiro de hidromassagem.

Tudo junto, ou separado. Depende da sua necessidade. E mais quente ainda, é que o sistema elétrico automático da Cardal garante economia de até 50% em relação ao aquecimento convencional.



INDIVIDUAL DUCHA

Distribuidor autorizado Cardal com vendas e assistência técnica

DISPLAY

COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.

Rua Benjamin Constant, 1053 - Fone: 222-6717

4468

REVISTA DE ATUALIZAÇÃO

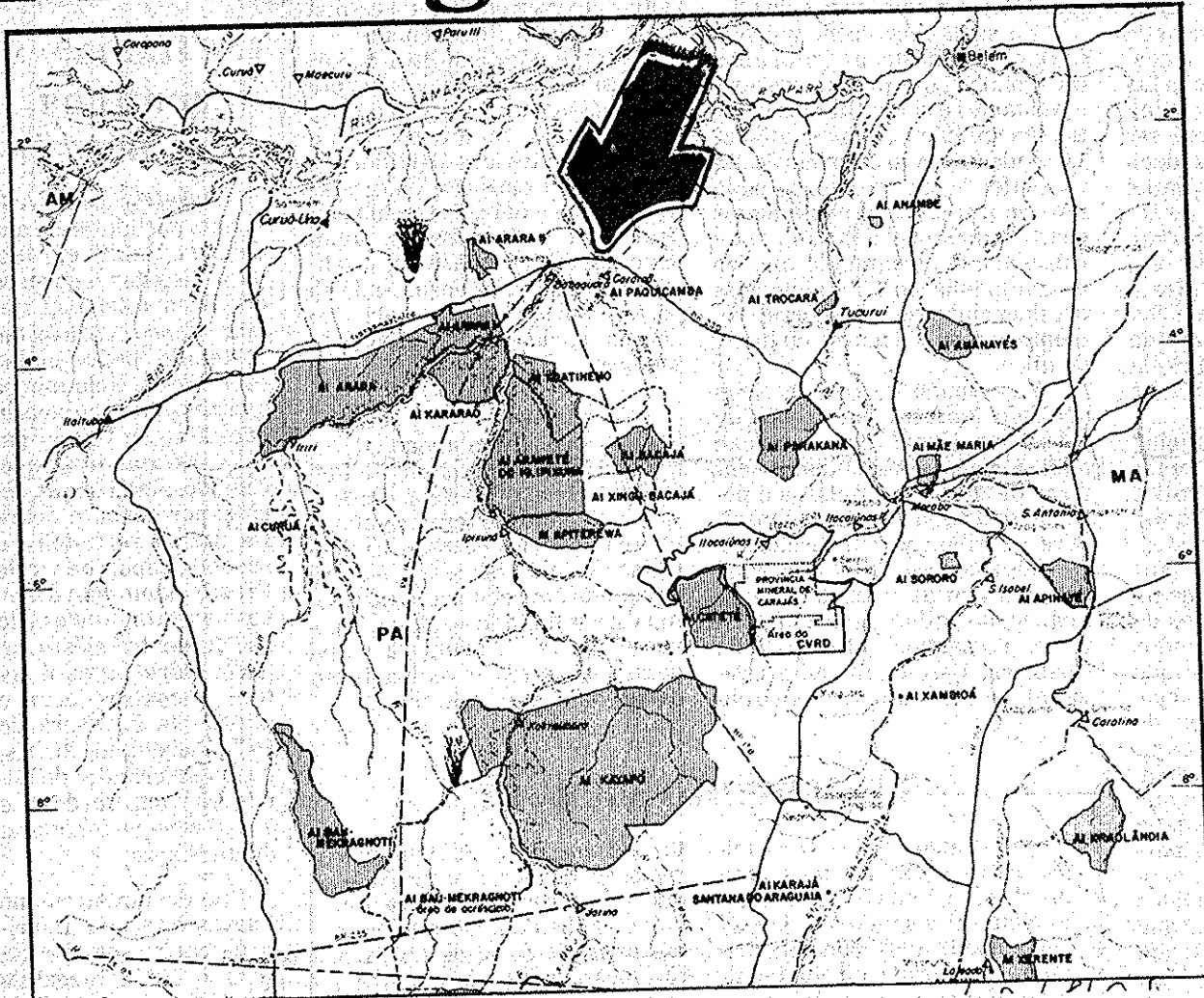
ETALR 0089

O LIBERAL

CIDADES 9

Belém, segunda-feira, 20 de fevereiro de 1989

PF vai garantir a paz durante encontro



No mapa a seta mostra a localização da barragem de Kararaó em relação às diversas reservas indígenas da área.

Altamira, a capital mundial da ecologia (e da divergência)

Altamira (do enviado Manuel Dutra) — Desde o dia 30 de janeiro de 1974 a cidade paraense de Altamira não se sentia tão importante. Naquela data, o então presidente Emílio Médici apertou a mão de seu ministro dos Transportes, Mário Andreazza, diante da placa de bronze que acabava de descerar em comemoração aos 40 meses de trabalho na abertura da BR-230. A Transamazônica era entregue ao tráfego de veículos. Naquela data, quando a consciência ecológica era quase inexistente e sobretudo, pela impossibilidade de expressá-la, tudo foi festa. A Amazônia estava mais perto geograficamente do Brasil.

Esta semana, Altamira volta a ser importante por sediar o I Encontro das Nações Indígenas do Xingu e o primeiro encontro de ecologistas não governamentais para protestar contra a maneira como o governo entende ser o progresso iniciado há 15 anos. Uns e outros dizem-se favoráveis ao progresso, cada um, no entanto, com visão e propostas tão diferentes que chegam ao antagonismo. Por isso, com certeza, a modesta "Princesa do Xingu" terá uma semana não de festas, mas será um caldeirão no qual fervirão pontos de vista e interesses os mais divergentes, possivelmente acirrados pela luminosidade que estão emprestando ao Encontro a imprensa nacional e estrangeira.

A presença de comunidades indígenas representa um dos problemas ambientais de maior complexidade no planejamento e implementação de usinas hidrelétricas e linhas de transmissão", diz a Eletrobrás, em relatório de 1986. De lá para cá, a holding do setor elétrico vem desenvolvendo todo um sistema de marketing com vistas a ganhar da opinião pública a simpatia para as profundas interferências que promove no ecossistema amazônico

com as conhecidas repercussões sociais e econômicas que daí resultam.

Para os ambientalistas, esse esforço da Eletrobrás é mero "gerenciamento" de uma política autoritária que coloca "o Estado contra as sociedades indígenas".

E o que dizem: "A implantação do Complexo Hidrelétrico de Altamira, parte já definida de um gigantesco plano de aproveitamento hidrelétrico da bacia do rio Xingu, ameaça imediata e diretamente 7 povos indígenas que habitam esta região. As usinas de Kararaó e Babaquara e seus reservatórios representam um passo decisivo na história da verdadeira guerra movida pelo Estado brasileiro contra os povos indígenas. Os Juruna, Arara, Kararaó, Xicrim, Assurini, Araweté e Parakanã estarão diante de um salto qualitativo no processo de confinamento e expropriação territorial, redução demográfica, sujeição política e destruição socio-cultural a que são submetidos desde o final do século 16.

Alternativa Em Altamira, as classes dirigentes também farão a sua parte, na defesa do sistema de barragens com as quais o governo pretende fazer deslanchar o chamado Plano 2.010 que prevê a construção de quase 300 novas hidrelétricas no país. Seria essa a alternativa do governo diante do insucesso da política nuclear nacional. Mais ou menos isso foi o que disse Fernando César Mesquita, presidente do recém-criado Instituto Brasileiro de Meio-Ambiente e Recursos Renováveis, em Santarém, na quarta-feira passada.

Segundo ele, o governo estaria convencido da alternativa hidrelétrica "até mesmo porque as usinas nucleares são perigosas". Esse ponto de vista, além dos interesses mais imediatos, é a justificativa para a passeata que os empresários de Altamira pretendem

realizar para mostrar ao mundo o que pensam e o que desejam. Os índios, e também os defensores da ecologia, têm por seu turno, alternativas a oferecer, e o sucesso, em parte, do Encontro, dependerá da lucidez e da objetividade dessas alternativas. Mesmo porque o governo já disse, pela boca do ministro João Alves, do Interior, que "não há possibilidade" de revisão do plano das hidrelétricas do Xingu.

As comunidades indígenas e ribeirinhas dizem, por seus representantes, que as alternativas desse progresso comecem pela necessidade de serem ouvidas, consultadas. Afinal, têm sólido argumento de que ocupam séculos antes da existência da Eletrobrás. Esta, não pelo que diz, mas pelo que projeta e executa, afirma ter pressa, embora sem explicitar em que direção vai essa pressa. E, na correria do autoritarismo que caracteriza o planejamento brasileiro, vai pondo água abaixo o lar dos índios, cidades inteiras, a fauna e a flora sem oferecer aos prejudicados contrapartida justa e indispensável.

Ao transitar pela Amazônia semana passada o ministro João Alves frisou que o Brasil não pode abrir mão do desenvolvimento da região. Nosso país — disse — ainda tem a fome e há grupos internacionais interessados em impedir que o Brasil se torne uma potência econômica. Embora digam os organizadores do Encontro de Altamira que não haverá debates sobre propostas de ingerência de entidades internacionais na questão ecológica, pois não é esse o objetivo da reunião, a presença maciça da imprensa dos países desenvolvidos será um despertador dessa questão. Algo que os ambientalistas brasileiros têm por obrigação deixar bem claro, em benefício das comunidades indígenas, do ecossistema amazônico e de todos os brasileiros

Brasília (AG) — Preocupado em assegurar total segurança a realização do I Encontro Nacional dos Povos do Xingu, o ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa, determinou ontem a Polícia Federal que reforce o contingente policial que se encontra em Altamira, no Pará. Com presença de astros internacionais, como o cantor Sting, ecologistas, indígenas e de entidades nacionais, regionais e do exterior que defendem a preservação da Amazônia, o governo quer evitar que o encontro se transforme em uma praça de conflitos.

A decisão de reforço policial foi adotada, segundo o ministro, depois do incidente da última sexta-feira, quando cinco tiros foram disparados contra a fazenda Bethânia, onde os índios estão acampados. O problema é que ao mesmo tempo em que tem início hoje o encontro dos povos do Xingu, a Associação Comercial de Altamira e a União Democrática Ruralista (UDR) programaram uma manifestação de apoio à cons-

trução das hidrelétricas de Kararaó e Babaquara, o que contraria o interesse dos índios e ecologistas. — Espero que todo mundo tenha juízo — comentou o ministro, insistindo em que não se deve superdimensionar o incidente. "Se são disparados tiros em uma cidade grande quanto mais em Altamira", observou.

Funai pede segurança

Brasília (AE) — O presidente da Funai, Iris Pedro de Oliveira, pediu ontem ao governador do Pará, Hélio Gueiros, e ao diretor da Polícia Federal, Romeu Tuma, reforço policial para a chácara Bethânia, da diocese de Altamira, onde estão alojados os índios que participam do primeiro encontro dos povos indígenas do Xingu.

A chácara sofreu um atentado na madrugada de sábado. Desconhecidos, num carro, dispararam tiros em direção a ela — dois, três ou cinco tiros, conforme as diversas versões. O presidente da Funai pediu a apuração do atentado e re-

pudiou qualquer tentativa de intimidação dos participantes. "O direito de reunião está garantido por lei, e deve ser preservado" — afirmou Oliveira.

O encontro de Altamira ocorre num clima de tensão, por causa da oposição de seus participantes à construção das usinas hidrelétricas, de Kararaó e Babaquara. A Eletrobrás, responsável pela construção, a UDR regional e associações profissionais e comerciais de Altamira encheram a cidade de faixas favoráveis às usinas.

Os índios e os ecologistas se opõem, porque os lagos formados por Kararaó e Babaquara cobrirão terras indígenas, forçando o deslocamento de diversas aldeias, além de provocar danos à floresta. O presidente da Funai disse ainda que espera receber relatórios sobre o atentado de quatro assessores que estão em Altamira para acompanhar o encontro, que contará com a presença, inclusive, do cantor inglês Sting.



O cantor Sting com o presidente Sarney, diante de um mapa do Brasil, ontem, em Brasília.

Sting sugere criação de reserva ecológica e fundação pró-índio

Brasília (AE) — O lançamento de uma campanha internacional para a criação de uma reserva ecológica de 240 mil quilômetros quadrados, englobando o Parque Nacional do Xingu e as reservas indígenas de Gurupi e Gorotiré, foi o assunto principal da conversa do astro do rock inglês Sting, ontem pela manhã, com o presidente José Sarney. Acompanhado pelo presidente do Instituto Nacional do Meio Ambiente, Fernando César Mesquita, Sting chegou ao Palácio da Alvorada às 11 e 30 da manhã e ficou uma hora e 15 minutos conversando no gabinete do presidente.

Muito bem humorado e informalmente vestido, Sting deixou a residência oficial às 12:45, com a promessa do presidente de estudar a possibilidade de criação da área de reserva ecológica no Xingu. Se for aprovada, a área será mantida com fundos arrecadados em campanha internacional e administrada pela Fundação Mata Virgem, particular, com a qual o cantor mantém uma ligação de ajuda e cooperação. Durante a conversa, Sting fez questão de ressaltar ao presidente o caráter exclusivamente brasileiro da fundação, que, apesar de contar com o seu apoio, é toda administrada por brasileiros. "Não queremos que essa ini-

ciativa seja vista como uma intervenção internacional na política brasileira de meio ambiente", disse. Segundo Sting, a ideia para a criação da reserva lhe foi apresentada há 18 meses pelo cacique Raoni, quando de sua visita ao Xingu.

Ao lado do antropólogo Carlos Paiva e do cineasta belga Jean Pierre Dutilleul, da Fundação Mata Virgem, Sting conversou com os jornalistas sentados na grama do jardim em frente à casa do presidente. Muito preocupado em ressaltar o caráter nacionalista da fundação, o cantor anunciou o lançamento da campanha internacional dia 4 de abril, com a veiculação de um clipe com a participação dele e do cacique Raoni. O filme será produzido em sete idiomas e deve ser lançado primeiramente em Paris. O objetivo principal da campanha será mobilizar a comunidade internacional para buscar fundos que possam ser usados em projetos de preservação do meio ambiente e assistência das comunidades indígenas que vivem no local.

Sem especificar a quantidade de dinheiro que pretende arrecadar com a campanha, Sting diz ter certeza de que conseguirá o suficiente para preservar os índios e a natureza do Xingu, se o governo

brasileiro aceitar a colaboração. "O mundo todo se preocupa com o problema do meio ambiente no Brasil, tenho certeza de que vamos levantar grandes recursos" — disse o cantor.

Sem comentar a política brasileira de meio ambiente Sting deixou o Palácio da Alvorada dizendo ter aprendido muito com o presidente Sarney e seus dois encontros com o presidente do instituto do meio ambiente. No sábado, ele passou três horas com Fernando César — amigo pessoal de Sarney — discutindo a ideia de criação da reserva.

Ciente das dificuldades do governo brasileiro em implementar uma política ecológica, Sting criticou a pressão de grupos estrangeiros aos quais o Brasil paga os juros altíssimos da dívida externa. "Acho que os bancos mundiais deveriam se sensibilizar para o problema e ficar mais abertos ao país" — opinou. Mesmo defendendo uma política internacional pela salvação da Amazônia, Sting não comentou a proposta do Banco Mundial de converter a dívida externa brasileira em projetos para a preservação da Selva Amazônica. "Este é um problema do governo brasileiro; cabe a ele decidir" — finalizou.

Governo federal apóia o encontro

Brasília (AG) — O contato do cantor inglês Sting com o governo brasileiro provocou um resultado imediato. O governo mudou de posição em relação ao I Encontro de Povos Indígenas do Xingu, passando a apoiar a iniciativa, que era motivo de preocupação para o presidente Sarney e seus assessores. O encontro serviu para distender as relações do governo com os ecologistas e agradou ao cantor Sting, que saiu da reunião com o presidente Sarney dizendo-se satisfeito com sua posição em favor da ecologia.

Sting foi visitar o presidente vestido com o verde das florestas brasileiras. Na chegada e na saída recebeu o assédio de muitos fãs, turistas e jornalistas que aproveitaram a ocasião para pedir autógrafos e fazer fotos. Durante um encontro de duas horas, Sarney ouviu do cantor notícias nada agradáveis sobre o Brasil.

— Infelizmente, hoje não falamos das coisas boas existentes no Brasil — disse Sting, lembrando a grande mobilização existente em todo o mundo em favor da Amazônia e a preocupação com o problema do índio.

Sarney respondeu que 10% do território brasileiro são reservas indígenas e se declarou um batalhador pela causa da natureza. O presidente mostrou interesse num intercâmbio entre o Brasil e o resto do mundo em favor dessa causa.

Quase incidente Brasília (AE) — Um quase incidente diplomático-ecológico marcou o final do encontro do cantor Sting com o presidente Sarney, ontem, no Palácio da Alvorada. Quando o astro inglês se preparava para deixar a residência oficial, os seguranças do Palácio se viram numa situação um pouco embaraçosa, tendo de atrasar a entrada do deputado

Ezio Ferreira (PMDB/AM), que apareceu de repente para uma visita de "cortesia". A visita não teria nada de mais, se o deputado não fosse o mesmo que no ano passado tentou oferecer uma pouco ecológica "tartarugada" em homenagem à Sarney. Passado o mal estar, os seguranças acabaram contornando a situação, liberando o carro do deputado ao mesmo tempo em que o cantor deixava o Palácio.

Alheio à confusão, Sting saiu do encontro para ser cercado por uma pequena multidão de "tietes" que o aguardavam ao lado de fora. Alegre, ele ensaiou um "bon dia" em português e atendeu a todos os pedidos de autógrafos, inclusive das jornalistas que não resistiram à tentação diante do ídolo do rock.

Vestindo calça camuflada, tipo "operário na selva", com tênis alto, tipo coturno, camiseta verde e cabelos presos em rabo-de-cavalo, ele se sentou na grama ao lado da guarita dos seguranças. Depois, arranhando o português para pedir "basta" aos autógrafos, Sting respondeu a todas as perguntas com a ajuda de um tradutor improvisado: o amigo Jean Pierre Dutilleul, cineasta belga que o apresentou ao cacique Raoni e lhe mostrou as belezas do Xingu há 18 meses. Desde aquela época, Sting se tornou um apaixonado pela questão ecológica brasileira, participando de shows, como o promovido no ano passado pela Anistia Internacional, pelos direitos dos povos indígenas do Brasil.

Depois de posar para fotos e para as câmeras de televisão, Sting ainda arriscou um sofeço com as primeiras notas de "Aquarela do Brasil" e partiu direto para o aeroporto, onde tomou um jatinho para o Xingu. Sting participa até quarta-feira do encontro de povos indígenas do Xingu, em Altamira.

Kararaó e as últimas nações indígenas (I)

Nagib Charone Filho (engenheiro)

Vendo pela televisão e pelos jornais todo esse movimento em torno da cidade de Altamira, cujo objetivo pelo menos aparentemente é a preservação da natureza, lembrei-me, de que lá passei um terço da minha vida. Em 1985, um dos meus sócios da engenharia, resolveu comprar um terreno nas margens do rio Moju com intuito de fazer plantação de dendê. Aqueles eram os últimos anos do chamado milagre econômico, onde a entrada de divisas por causa do capital disponível nos bancos mundiais ainda era grande. Dava-nos a sensação de um desenvolvimento rapidíssimo. Incumbi-me o meu sócio de tomar posse dele, como se faz praticamente quando se quer implantar um projeto agropecuário. Interessei-me pelo fato e saí em busca, de escritura na mão, dos mapas aerofotogramétricos que delimitavam aquela região, para que eu pudesse entendê-la perfeitamente bem no seu aspecto amplo. Com todos esses mapas nas mãos, passei três noites estudando a situação da nossa mais nova conquista econômica que no dizer do meu sócio seria a redenção da nossa velhice.

Contactei com os proprietários de terras vizinhas e constatei que a terra era difícil de ser atingida. Entretanto, para o vendedor, evidentemente com segundas intenções, era muito fácil lá chegar: tomava-se um navio no Porto do Sal, desembarcava-se em Abaetetuba, tomava-se outro barquinho, desembarcava-se em um vila, tomava-se um Jeep, parava-se no val de córrego, tomava-se uma carroça, parava-se nas terras do seu "José" e após três dias de marcha forçada, a pé pelo meio da mata, lá estaríamos sãos e salvos.

Montei uma operação de guerra: comprei uma lancha, escolhi cinco dos nossos melhores homens e abasteci com 600 litros de gasolina, mantimentos e armas com munições e numa ensolarada manhã de terça-feira, partimos em direção ao objetivo. A expedição não durou dois dias. Retornei ao escritório, joguei os mapas sobre a mesa e dei a meu sócio a única solução capaz de conquistar o nosso sonho: o BALÃO.

A cidade de Altamira, não faz mais que 20 anos, antes da construção da Transamazônica, encontrava-se em situação análoga às nossas terras do Moju: não podia ser atingida diretamente. E que a cidade de Altamira, geograficamente, encontra-se no início da chamada "grande volta do rio Xingu", onde esse belíssimo afluente do Amazonas, após percorrer quase três mil quilômetros na direção sul/norte, esbarra diante de uma montanha com aproximadamente 300 metros de altura, desvia-se para o leste, em sentido literalmente perpendicular, avança por cinquenta quilômetros e por um desses caprichos incriveis da natureza, dá uma volta de 360° e inflete em direção leste/oeste quase que paralelamente ao seu curso anterior, e volta para um ponto distante quarenta e cinco quilômetros do ponto onde iniciou a "grande volta". Daí em diante retoma seu curso primitivo sul/norte e vem desaguar pacificamente no Amazonas. Somente neste trecho o Xingu é navegável para embarcações de grande porte.

A "grande volta", é um trecho extremamente encachoeirado e se bem me lembro pouquíssimas foram as embarcações que por ele se aventuraram a navegar. A "grande volta" contém um potencial hidroelétrico e mineralógico muito grande. Lembro-me que ainda criança, sentado no sopé da montanha do forte do Ambé, em silêncio com os colegas pescando tucunaré, ouvíamos de longe, quando soprava o vento de leste para oeste, o ronronar da primeira grande cachoeira. Isso, hoje, pode parecer mentira de pescador. Entretanto, é necessário lembrar que a presença da cidade grande cria uma zona de barulho e altera a densidade do ar que talvez não mais permita que se ouça o roncar da cachoeira.

Altamira, cujo nome decorrer do fato de ser vislumbrada totalmente do alto do forte do Ambé, era até 1970 inatingível: o avião pousava no rio, os navios paravam na "grande volta" e estrada nem pensar. Os navios paravam no porto de Vitória, exatamente a quarenta e cinco quilômetros da cidade onde o Xingu retorna da "grande volta" e daí em diante eram obrigados a tomar um caminho, percorrer a estrada de chão batido para chegar na cidade.

Portanto, naquela época, tomando ao pé da letra, Altamira era somente atingida por Balão. Mais tarde, já homem crescido estudando matemática e astronomia, descobri que a cidade era um universo dentro do Universo. As portas que lhe davam acesso eram tão estreitas que somente pessoas podiam por ela passar. Esquecida no tempo, parada no espaço, rolaria eternamente no berço esplêndido do Xingu. Entretanto, a civilização, avançada implacavelmente interior a dentro, em menos de 20 anos, resolveu transmutar todo aquele estado que jazia dormindo a não menos que dois bilhões de anos. O enfrentamento do homem com a natureza é um fato impossível de ser evitado. Cada vez mais necessitado da geração de energias alternativas, capazes de produzir maior número de bens de consumo, o homem, mata a cachoeira grande e faz nascer a barragem de Kararaó. Vivemos na Amazônia em contato com todos esses grandes rios e muitos poucos de nós conhecemos, mesmo superficialmente, a potencialidade que está ao nosso alcance. Não existe hoje em nenhum ponto do globo terrestre, uma bacia hidrográfica tão vasta, tão ampla e com tamanho potencial — (continua na edição de amanhã)